

**UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI**  
**FLAVIA MENDES CORDEIRO**

**O DESENHO INFANTIL:  
UMA FERRAMENTA DE ANÁLISE E TERAPIA**

São Paulo  
2016

**FLAVIA MENDES CORDEIRO**

**O DESENHO INFANTIL:  
UMA FERRAMENTA DE ANÁLISE E TERAPIA**

Monografia apresentada como exigência parcial para a obtenção do título de Especialista em Psicopedagogia, pela Universidade Anhembi Morumbi, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Elisa de Mattos Pires Ferreira.

São Paulo  
2016

**FLAVIA MENDES CORDEIRO**

**O DESENHO INFANTIL:  
UMA FERRAMENTA DE ANÁLISE E TERAPIA**

Monografia apresentada como exigência parcial para a obtenção do título de Especialista em Psicopedagogia, pela Universidade Anhembi Morumbi, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Maria Elisa de Mattos Pires Ferreira.

Aprovada em

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Maria Elisa de Mattos Pires Ferreira  
Universidade Anhembi Morumbi

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho:

À minha família, que sempre me incentivou a ir em busca de aprimorar meus conhecimentos e poder evoluir como pessoa e profissional.

Ao meu marido, que foi o maior incentivador deste projeto, acreditando nos meus sonhos e não me deixando desistir.

Aos alunos que foram muitas vezes experimentos de conceitos adquiridos e aplicados à prática.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por ter me concedido saúde e condições para realizar e concluir o curso. Agradeço também aos familiares que sempre me apoiaram, em especial minha mãe e meu marido. Aos amigos que compreenderam minhas ausências nos sábados em alguns eventos por conta dos estudos. As professoras, coordenadora Ana Maria e colegas do curso que contribuíram e enriqueceram os estudos durante esses três semestres, compartilhando conhecimentos e experiências. À diretora da escola Alegria da Vila, Sueli, que respeitava, apoiava e compreendia minha prioridade nos sábados dedicados ao curso. A escola Major e toda sua equipe por me incentivar e abrir as portas para a realização do estágio. A todos que de alguma forma contribuíram para que chegasse até aqui!

"Seja a mudança que você deseja ver no mundo."

*MAHATMA GANDHI*

## RESUMO

CORDEIRO, Flavia Mendes. **O desenho infantil:** uma ferramenta de análise e terapia. (Monografia de Conclusão de Curso) – Pós-Graduação em Psicopedagogia. Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2016.

A presente monografia objetiva apresentar e subsidiar o trabalho do psicopedagogo clínico na utilização do desenho como ferramenta de análise e terapia, a fim de proporcionar melhora ou superação dos problemas que causam a queixa do paciente. A origem e justificativa do documento encontram-se no fato de profissionais da educação se depararem com problemas de aprendizagem em sala de aula que não se consegue sanar no ambiente escolar. Nesse contexto, a qualificação do profissional da Psicopedagogia apresenta-se como fator de primeira ordem, além de o mercado de trabalho para a área estar se ampliando. Para embasar a monografia, utilizou-se de pesquisa bibliográfica e de campo, modalidade qualitativa, realizada durante o processo de estágio. Espera-se que o presente trabalho possa contribuir como suporte teórico para pesquisas de psicopedagogos no tema do desenho infantil.

**Palavras-chave:** Psicopedagogia. Ferramenta psicopedagógica. Desenho infantil. Análise do desenho. Desenho como terapia.

## **ABSTRACT**

CORDEIRO, Flavia Mendes. **The children's drawing:** an analysis tool and therapy. (Monograph of Course) - Graduate in Educational Psychology. Anhembi Morumbi University, São Paulo, 2016.

This monograph aims to present and support the work of the clinical educational psychologist in the use of design as an analytical tool and therapy in order to provide the patient with improvement in their complaint. The origin and justification of the document are the professional complaint they meet-education with learning disabilities in the classroom that you can not solve the school environment. In this context, the qualification of Professional Psychology is presented as the first-order factor, besides the fact that the labor market for the area to be increasing. To support the monograph, we used bibliographic and field research, the qualitative mode (during the probationary process). It is hoped that this work can contribute as theoretical support for educational psychologists research on the theme of children's drawing.

**Key-words:** Educational Psychology. psychoeducational tool. Childish drawing. design analysis. Drawing as therapy.



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	11
CAPÍTULO 1 – O DESENHO COMO FERRAMENTA PSICOPEDAGÓGICA .....	13
CAPÍTULO 2 – INTERPRETAÇÃO E SIGNIFICADOS DOS ASPECTOS NOS DESENHOS INFANTIS.....	18
CAPÍTULO 3 – O DESENHO NUMA PERSPECTIVA DE ARTETERAPIA .....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	35
REFERÊNCIAS.....	36

## **LISTA DE TABELAS**

<b>TABELA 1 – Os traços .....</b>	<b>20</b>
<b>TABELA 2 – Orientação Espacial.....</b>	<b>20</b>
<b>TABELA 3 – O simbolismo das formas .....</b>	<b>21</b>
<b>TABELA 4 –Interpretação das cores .....</b>	<b>21</b>
<b>TABELA 5 – Elementos da natureza .....</b>	<b>23</b>
<b>TABELA 6 – Itens adicionais .....</b>	<b>25</b>

## Introdução

O desenho projetado pelas crianças sempre me chamou a atenção e instigou o interesse de investigá-los. Quando inicei o curso de Psicopedagogia, o primeiro livro adquirido foi “Como interpretar os desenhos das crianças”, de Nicole Bédard – seu conteúdo corresponde ao título, porém de uma maneira muito abrangente, mas que me ajudou a interpretar de alguma forma os desenhos de meus alunos (minhas bases de investigação). Pretendo, neste trabalho, explorar o máximo do tema e contribuir não só com meu próprio interesse de pesquisa, mas também de outros profissionais da área interessados, com o objetivo de compreender como o desenho infantil pode ser utilizado quanto ferramenta de trabalho psicopedagógico na área clínica.

A escolha pela psicopedagogia clínica se justifica pelo fato de me deparar com problemas de aprendizagem em sala de aula que não se conseguem sanar no ambiente escolar. A seleção do desenho como ferramenta para o trabalho psicopedagógico, segundo estudos como os de DERDYK (1994) e de LUQUET (1972), aponta que sua prática auxilia tanto no diagnóstico do caso como na terapia. Visto que o mercado da psicopedagogia está se ampliando, vejo a necessidade de os profissionais aprimorarem suas ferramentas de trabalho, sendo o desenho uma delas.

A proposta do desenho dirigido pode apontar para o psicopedagogo o que está impedindo o paciente de aprender, pois é a externalização de seus confrontos internos. Quanto terapia, o desenho possibilita o paciente externalizar seu inconsciente que, numa sequência, o fará se livrar de seus confrontos de maneira lúdica e informal.

A partir dessa hipótese, o trabalho será então apresentado em três capítulos: no primeiro, fala-se sobre o desenho como ferramenta da psicopedagogia; no segundo, expõe-se a intenção de identificar os aspectos dos desenhos que indicam determinada análise; e, por fim, no terceiro, mostra-se como auxiliar o paciente na melhora de sua queixa através da terapia com desenhos.

Para embasar o conteúdo deste material, aprofundei-me no tema por meio de uma pesquisa bibliográfica, utilizando como principal referencial teórico os autores Cognet, Furth, Campos, Bédard e Sousa.

## CAPÍTULO 1 – O DESENHO COMO FERRAMENTA PSICOPEDAGÓGICA

Inicialmente, podemos analisar o significado de “desenho”: os autores se baseiam no sentido de que, em francês, “desenho” (*dessin*) rima com “destino” (*destin*), e “desenhar” (*dessiner*) rima com “sina” (*destinée*), ou seja, o desenho é algo singular e intrínseco, parte de uma história de vida, o que Paul Ricoeur chama de “identidade narrativa”. O desenho é totalmente subjetivo.

Os profissionais ligados à infância, psicólogos, terapeutas e professores não se deixam enganar – todos, em determinado momento, recorrem ao desenho em seus encontros com crianças ou jovens adolescentes. Pode ser durante um exame psicológico em que ele desempenhe a função de teste projetivo – o sujeito permite ver, no sentido concreto da palavra, um momento de seu funcionamento psíquico, suas angústias, seus mecanismos de adaptação –, mas também em sessões de psicoterapia regulares, acompanhamento psicológico, remediação; as produções gráficas tornaram-se então suportes de relação. (COGNET, 2014, preâmbulo)

E para cada qual que se deparar com um desenho infantil, apropriar-se-á dele com um significado diferente: o psicólogo ou psicanalista o interpretará como um espelho do sujeito, analisando reflexos, organização e conflitos intrapsíquicos; o professor fará um comparativo de uns com os outros a fim de identificar a evolução do aluno (a criança está adiantada ou atrasada?); a família o receberá como um presente, repetido de forma quase cotidiana, revelando a magia da infância e a criação; já o psicopedagogo poderá tomá-lo como fim de diagnóstico (o “espelho”), de terapia e até mesmo de comparação, dependendo do caso com o qual se encontrar e seu objetivo.

Segundo apontam os estudos dos autores consultados, o primeiro trabalho sobre a investigação do desenho infantil como fenômeno expressivo foi realizado por Ricci, em Bolonha, em 1887. O italiano estudou os estágios da evolução do desenho realizado pelas crianças, atentando-se aos aspectos estéticos e na relação das cores com a arte primitiva.

Posterior a ele, foram surgindo novos pesquisadores do tema e surgindo maiores contribuições para os profissionais que atuavam com esse tipo de trabalho para seus diagnósticos (psicólogos).

Os autores que se dedicam à psicologia do desenho infantil visam objetivos diversos e estudam diversos aspectos, como por exemplo: as fases do desenvolvimento, métodos do exame e medida da inteligência, motricidade, traço e uso da mão, noção do espaço, função de percepção visual, papel da forma, verbalização perigráfica, objeto da reprodução, expressão, caráter, tipos, jogo, psicopatologia, etc. (CAMPOS, 2014, p. 14)

O desenho é uma produção libertadora, subjetiva e com intenções diferenciadas, porém, até mesmo o próprio autor do desenho sabe, inconscientemente, que sua produção retrata a si próprio – seu desenvolvimento, seus desejos, temores e angústias – e precisa dos outros para acontecer, pois não é algo que exista fora da interação com o outro, sempre há uma intenção.

O ato de desenhar não é uma necessidade fisiológica indispensável à vida, mas ele nos leva a considerar a infância como um momento de desenvolvimento físico e psicológico do ser, exigindo que lhe seja dada a devida importância e que deve ser reconhecido e estimulado. Pelo desenho, o sujeito levará conjuntamente sua vida e a representação da mesma em um suporte gráfico (o que é vivenciado e o que é representado surgirão como as duas faces do psíquico).

Como prova de que o desenho é a transparência do nosso interior, Cognet relata o caso de Julien, 7 anos, que se tratava contra o câncer, caso esse descrito por D. Oppenheim e O. Hartman (2003):

Desenhou a si mesmo com a boca bem aberta, vazia – um grito inaudível –, as orelhas tapadas, o pescoço estreito e rígido, não deixando passar nada, separando a cabeça do resto do corpo, que é desenhado de outra cor. O corpo é um grande saco, no qual a morte é representada sob um duplo aspecto: bolas (o tumor e suas metástases) e xis (sua preocupação e questionamento).

As engrenagens da fantasia, segundo a interpretação de Cognet, estão descritas em três funções: o imaginário, o simbólico e a estética.

- O imaginário

O imaginário é fantasia íntima encontrada na frustração, na renúncia à satisfação imediata, e constrói-se a partir da relação com o outro; é o recurso do real. Fonte de criatividade e originalidade.

- O simbólico

O desenho infantil tira grande parte de sua essência do simbólico.

Os símbolos são culturais, mas também íntimos, singulares, originais e, obviamente, sua expressão é múltipla, ao passo que o campo do simbolizado, por sua vez, é restrito (sexualidade, família, morte, nudez, angústia etc.). No desenho, o símbolo levanta um problema epistemológico, na medida em que sua relação com o que é simbolizado não é determinada de forma unívoca por uma convenção explicitada entre o desenhista e aquele a quem o desenho é destinado. Nesse sentido, o desenho pode assemelhar-se, em certa medida, à linguagem do sonho: Freud demonstra que as imagens do sonho, por trás de seu sentido manifesto, aparente, escondem um significado latente, revelador dos conflitos intrapsíquicos. Pode-se evocar também a linguagem poética, que, através de suas metáforas, construções e termos escolhidos, apresenta uma multiplicidade de sentidos, assim como o desenho o faz pela escolha das cores, proximidade das representações e estilo gráfico. (COGNET, 2014, p. 18)

A função simbólica, de fundamental importância, faz com que a criança possa representar para si mesma suas condutas relações, mesmo que inconscientemente, pois se confunde com o desenvolvimento da linguagem e da brincadeira. Os símbolos estão evidenciados nos desenhos, mas com diferenças em função da idade do desenhista, o que faz diferenciar-se também quanto desenvolvimento intelectual e grafomotor. Com o passar do tempo, conforme o avançar da idade e, conseqüentemente, as experiências vividas, aparecerão mais símbolos culturais e compartilháveis. “O símbolo, que quase sempre adota um aspecto pictórico também, apresenta uma ligação estreita, e na maior parte das vezes estável, com a afetividade e o universo dos desejos conscientes ou inconscientes”. (COGNET, 2014, p. 19).

- A estética

O desenho tem intenção estética tanto por parte de seu autor como por de quem o irá receber ou admirá-lo., pois a criança exprime seu sentimento do belo, sua sensibilidade e sua percepção artística ao desenhar. O esteticismo enriquece as produções e fantasias do desenhista. Quando a admiração pelo desenho se torna positiva, potencializando a estética, a criança, na maioria das vezes, a toma como estímulo para manter o gosto pelo desenho. Porém, quando não há admiração por parte do receptor, o contrário acontece: muitas crianças acabam abandonando o desenho por se darem conta da discrepância entre o grafismo e o desejo de expressão que não foi alcançado.

O Teste do Desenho como ferramenta psicopedagógica, quanto técnica projetiva, tem se mostrado cada vez mais frequente nas clínicas e consultórios de psicologia mais renomados da América, graças a sua fácil administração e resultados concretos, a fim de se compor um diagnóstico ou contribuir para a terapia.

As indicações sobre a dinâmica da personalidade projetada no desenho foram descobertas graças ao emprego de várias fontes de evidências, tais como: informações a respeito do paciente, associação livre, interpretação dos símbolos pela análise funcional e comparação de um desenho com outro desenho de uma série(...).  
(CAMPOS, 2014, p. 17)

Interessados discutem “em que área a utilização do desenho é mais vantajosa?” e Campos nos esclarece essa questão em sua obra apontando que o desenho, por ser uma técnica basicamente não verbal, tem maior vantagem quando aplicado com crianças mais jovens, pois essas não conseguem ainda se expressar verbalmente com clareza; por este mesmo motivo, torna-se vantajoso também quando aplicado à indivíduos sem escolaridade, ao mentalmente defeituoso, aos estrangeiros, mudos, muito tímidos ou retraídos, pessoas de classes sociais inferiores (que, frequentemente, se sentem incapazes de expressar verbalmente adequadamente), e pessoas com dificuldade em leitura.

Furth (2004) nos traz uma afirmação para reflexão:



Desenhos espontâneos são uma das ferramentas mais eficazes e acessíveis à disposição do analista. Um desenho desses é feito em pouco minutos, com apenas um papel e alguns lápis de cor. Os desenhos podem ser feitos em qualquer lugar, desde um leito de hospital até uma sala de aula, e são tão eficazes quanto os sonhos como fonte de informação psíquica. Diferente dos sonhos, para cuja interpretação são necessários anos de treinamento intensivo do analista, interpretações válidas de desenhos espontâneos podem ser feitas por qualquer pessoa responsável e compassiva – professor, pastor, médico etc. –, desde que siga com cuidado as diretrizes fornecidas.

Por hora, pôde-se notar a importância do desenho como ferramenta para o psicopedagogo, mas, durante o decorrer deste trabalho, será ainda discutido como determinados aspectos do desenho podem sugerir necessidade de análise e como interpretá-los, com base nas teorias de Bédard e Cognet, e ainda como utilizar o desenho como forma de terapia, baseando-se no teórico Gregg Furth que nos mostra um olhar através de uma abordagem junguiana da cura pela arte.

## **CAPÍTULO 2 – INTERPRETAÇÃO E SIGNIFICADOS DOS ASPECTOS NOS DESENHOS INFANTIS**

A criança, desde o início de sua infância, realiza muitos experimentos, muito mais do que se expressa, e um dos experimentos que aqui nos interessa é o desenhar – só o ato de segurar e conseguir firmar um lápis ou giz na mão, já faz parte dessa experimentação.

Inicialmente não fará desenhos como forma de expressão, quando descobre o poder de um lápis quer explorá-lo e transforma sua atitude num jogo. Com o tempo, seus traços vão tomando forma, a criança percebe que pode orientá-los e dar-lhes significados, podendo expressar-se através do desenho tanto consciente como inconscientemente. Porém, sem perceber, a criança transporta seu interior ao papel – para tanto, deve-se deixar que tenha livre e espontânea vontade, não sendo adequado forçá-la a desenhar e muito menos analisar sua obra com intuito estético.

Sabe-se que todo ser possui seu ritmo de aprendizagem e desenvolvimento, mas, para pautar nossas pesquisas, Bédard (2013, p. 9) expõe em seu livro *“Como interpretar os desenhos das crianças”* algumas indicações sobre a evolução que experimenta o desenho da criança, na primeira infância:

### **De dezoito meses a dois anos:**

Agrada-lhe rabiscar livremente sobre grandes superfícies. Todavia sua coordenação motora costuma ser desajeitada.

### **De dois a três anos:**

De dois a três anos a criança deseja experimentar ferramentas diferentes: o carimbo, a aquarela, os lápis de cera etc. Nesta fase a experimentação predomina sobre a expressão. A coordenação vai-se desenvolvendo e logo chega a segurar firmemente na mão o lápis que está utilizando.

### **Entre três e quatro anos:**

A criança começa a se expressar através dos seus desenhos. Algumas vezes, antes de realizar os primeiros traços no papel, ela nos diz o que pretende desenhar.

### **De quatro a cinco anos:**

Escolhe as cores em função da realidade (uma árvore marrom com folhas verdes, por exemplo) e talvez, ao começar a escrever, perca o

interesse no desenho. Sua capacidade imaginativa é muito forte, razão pela qual os contos de fada atraem muito mais sua atenção.

A partir dos seis anos, sugere-se que a criança já faça suas opções de escolha de acordo com sua realidade, pois a distinção do real x imaginário já está mais clara em sua mente, tornando assim, a partir de então, que o psicopedagogo possa atentar-se ao seu significado de seus desenhos com olhar técnico analítico, inferindo qualidades observáveis e possíveis de diagnóstico/intervenção.

Como ferramenta para suporte de análise e interpretação no consultório, o desenho ocupa lugar de destaque na sessão psicopedagógica, ou seja, não se deve utilizá-lo apenas para “completar” uma sessão, mas sim com um objetivo – seja ele de análise ou terapia. A sugestão de recorrer à representação gráfica, porém, jamais deve dar-se no início do tratamento, enquanto paciente e terapeuta ainda não se conhecem e não estreitaram os laços afetivos. Como nos diz Cognet (2014, p. 83) “(...) o sujeito precisa sentir confiança para revelar, para deixar traços de sua interioridade. Ele insere-se e impõe-se (...) quando as condições de escuta tornam-se ideais, permitindo conter a angústia e expressar conflitos internos (...)”, o que justifica a importância de aplicar-se anteriormente a anamnese e atividades lúdicas com o paciente.

Ao sugerir o desenho para o paciente na clínica, é importante dispormos de diversos tipos de materiais para que o sujeito faça suas escolhas – a partir de suas escolhas já se pode observar algumas indicações sobre suas características subjetivas, antes mesmo de atentar-se para o desenho propriamente dito, como:

- Tipo de lápis: o de ponta fina sugere conforto e a companhia de pessoas bem sucedidas ou populares; ponta média indica adaptação e flexibilidade; e ponta grossa denota opinião firme, personalidade forte, que não se deixa influenciar.
- Papel utilizado: sugere-se que disponha papeis de diferentes formatos; os de formato pequeno indicam capacidade de introversão e concentração; formato médio revela facilidade de adaptação e flexibilidade, assim como o lápis de ponta média, e que sabe ocupar o seu lugar respeitando os demais; formato grande sugere um indivíduo que se preocupa com o meio social, possui espírito de liderança. Quanto a textura, indica-se que a escolha por um papel brilhante é feita por quem não gosta de se revelar, guarda segredos; um papel de

espessura grossa sugere um ser carente, que gosta de conforto e afagos; já a escolha por um papel muito fino revela sensibilidade.

Após feitas suas escolhas pelo tipo de material a ser utilizado para desenhar, colocará agora em prática sua imaginação (e, inconscientemente ou não, nos revelará seu interior). Para analisar a arte de seu paciente, Bédard nos sugere diversos aspectos do desenho dignos de serem observáveis, dentre eles o traçado, o simbolismo das formas, a interpretação das cores, os elementos da natureza e a inserção de outros itens no desenho, como nos mostrará as tabelas comparativas a seguir:<sup>1</sup>

**Tabela 1: Os traços**

<b>TIPO DE TRAÇO</b>	<b>O QUE SEGUERE</b>
<b>Contínuo</b>	Ser de espírito dócil, harmonioso, que respeita seu ambiente e busca a paz.
<b>Manchado ou cortado</b>	Indecisão perante às mudanças, instabilidade.
<b>Oblíquo</b>	Energia e ímpeto, com objetivo determinado.
<b>Pressão</b>	Boa pressão: entusiasmos e vontade; forte: agressividade; superficial: falta de convicção ou cansaço físico.

**Tabela 2: Orientação espacial**

<b>LOCALIZAÇÃO NO PAPEL</b>	<b>O QUE SUGERE</b>
<b>À esquerda</b>	Forte vínculo com o passado (seja de preocupação ou felicidade). Também está ligado ao lado materno.
<b>À direita</b>	Pensamento no futuro, que representa sucesso e esperança. Também está ligado ao lado paterno.
<b>No centro</b>	Representa o momento atual, o presente. Por sugerir uma criança que está aberta a tudo o que ocorra ao seu redor, não revela

<sup>1</sup> Todas as tabelas foram organizadas pela autora da monografia.

	ansiedade nem insegurança.
<b>Parte superior</b>	Representa o intelecto e a imaginação, sugerindo uma criança disposta a adquirir mais conhecimento.
<b>Parte inferior</b>	Informa-nos as necessidades físicas e materiais da criança.

**Tabela 3: O simbolismo das formas**

<b>TIPO DE FORMA</b>	<b>O QUE SUGERE</b>
<b>Curva</b>	Movimento aéreo que denota alegria.
<b>Círculo</b>	Se for um movimento ágil, é um aspecto positivo, caso contrário torna-se negativo. Formas circulares em abundância nos revela um ser que prefere ocupar-se das coisas as quais já viu e conhece. Acomodação.
<b>Quadrado</b>	Solidão, determinação e poder e decisão. Necessidade de movimento, competitivo.
<b>Triângulo</b>	Elevação e conhecimento. Vértice para cima: energia divina, sensibilidade e criatividade. Vértice para baixo: força física concentrada na terra, materialista, pragmático.

**Tabela 4: Interpretação das cores**

<b>COR</b>	<b>O QUE SUGERE</b>
<b>Vermelho</b>	Natureza enérgica, sugere que esteja vivendo algum tipo de agressividade. É uma cor ativa. Em contraste com o preto, que bloqueia a energia do vermelho, pode indicar uma manifestação explosiva.
<b>Amarelo</b>	Representa o conhecimento, a curiosidade e a alegria de viver. Revela uma criança expressiva, generosa, otimista e exigente consigo mesma.
<b>Laranja</b>	Expressa necessidade de contato social e

	público. Crianças com espírito de equipe e competência. Não lhe atraem jogos de concentração e possui certo sentido de observação.
<b>Azul</b>	Simboliza a paz, a harmonia e a tranquilidade. Demonstra ser uma criança introvertida, que faz as coisas em seu próprio ritmo, de poucos amigos.
<b>Verde</b>	Representa a natureza, tendo o mesmo efeito de “purificar o ar”. Composto do amarelo e azul, reflete curiosidade, conhecimento e bem-estar. Revela- os uma criança madura. Compreende conceitos com facilidade e os aplica. É sensível e intuitiva. Porém, se utiliza a cor de mel forma em seus desenhos, pode revelar sentir-se superior aos demais.
<b>Preto</b>	Uma cor sempre mal vista e interpretada, o preto representa, na verdade, o inconsciente, aquilo que não vemos. Transparece uma criança que se adapta com facilidade aos imprevistos. No entanto, se vier sempre acompanhado do azul, representa uma criança depressiva.
<b>Rosa</b>	Que procura suavidade e ternura Gosta do contato com coisas agradáveis e fáceis. Criança adaptável e de bom convívio, porém vulnerável.
<b>Roxo</b>	Compromete-se com entusiasmo e alterna dois períodos: hora está bem num determinado grupo, e em seguida pode distanciar-se deste mesmo grupo sem motivos. É extrovertida e introvertida ao mesmo tempo.
<b>Marrom</b>	Cor relacionada com a terra, estabilidade, estrutura e planificação. A criança aprecia

	conforto e segurança. Demonstra ser estável, minuciosa e paciente por natureza.
<b>Cinza</b>	Por ser uma cor advinda do branco e preto, a criança oscila entre o conhecido e o desconhecido, passado e futuro. Indica falta de segurança e facilmente influenciável, com tendência a remoer frustrações.
<b>Branco</b>	De rara utilização, o branco refere-se à purificação e neutralização dos elementos passados. Está relacionado ao infinito, ao não-temporal, criança que não deseja restrições nem obstáculos para sua manifestação.
<b>Desenho de uma cor só</b>	Pode denotar preguiça ou falta de motivação, seja por ter sido obrigada a desenhar para ficar quieta ou por fazê-lo sem vontade. No aspecto positivo, apresenta uma criança que quer ser revelada e descoberta.

**Tabela 5: *Elementos da natureza***

<b>TIPO</b>	<b>O QUE SUGERE</b>
<b>Estações do ano</b>	Inverno: necessidade de paz e harmonia. Primavera: denota esperança e renovação, criança cheia de projetos e intuitiva. Verão: que vive no presente, é feliz em seu ambiente e busca confirmar seus sonhos. Outono: indicam o final de uma etapa, que deu seu melhor e agora procura descanso.
<b>Sol</b>	Representa a energia masculina e define nosso lado independente e combativo. Raios fortes revelam imposição e controle (se estiver à esquerda, será por parte da mãe, à direita, por parte do pai, no centro, por si própria como responsável pela família). Ausência de raios indica falta de

	entusiasmo e autonomia.
<b>Lua</b>	Representa o aspecto feminino, ligado à doçura, adaptação e intuição. Se não for um desenho bem definido e com cores suaves, indica uma pessoa emotiva com dificuldade para se afirmar (levando em conta a posição no papel – esquerda, direita, centro). A lua cheia revela uma criança excessivamente sonhadora.
<b>Estrelas</b>	A criança vive o presente ao mesmo tempo em que planeja seu destino como “ser estrela”.
<b>Nuvens</b>	Tende a ser uma criança sensível ao ambiente paterno ou social, consciente de que sua vida terá momentos agradáveis e outros nem tanto. Aqui cabe também a avaliação pela cor que será utilizada.
<b>Chuva</b>	Significa limpeza e purificação, mas também devastação e destruição – deverá levar-se em conta a queixa da criança diante do desenho da chuva.
<b>Arco-íris</b>	Sinal da aliança entre Deus e o homem, símbolo de paz e harmonia, representa a proteção. Se for uma figura muito presente, pode indicar uma criança que conheceu tormentas no passado e não quer voltar a vivenciá-las.
<b>Árvore</b>	Deve ser analisada por suas três partes: base e raiz, altura e espessura do tronco e os ramos e as folhagens. Base e raiz amplas sugerem a facilidade de recarregar suas energias, quanto que se for estreita, indica uma criança de saúde frágil. A altura e espessura do tronco revela-nos como a criança se enxerga no meio social – tronco alto e grosso ocupa mais espaço, enquanto



	que se for estreito está mais vulnerável. O desenho de um círculo no meio do tronco representa o despertar de sua sexualidade. Os ramos e folhas revelam a imaginação e a criatividade – a ausência de, revela a necessidade de despertar sua curiosidade, já o excesso de, indica muitas ideias e projetos.
<b>Flores</b>	Símbolo do amor, sugere uma criança que deseja agradar. Revela-se fortemente no período em que o complexo de Édipo faz sua aparição, pois deseja atrair e manter a atenção da mãe ou do pai.
<b>Montanha</b>	Representa a estabilidade procurada ou encontrada – isto será distinguido através do que a criança tenha desenhado sobre a montanha: árvore indica a negação a obstáculos; casa indica transformação; flores indicam os sonhos e desejos.
<b>Animais</b>	Indica uma determinada necessidade de ser compreendida pelos adultos, física, emotiva ou intelectualmente. Desenhar cães simboliza a necessidade de tranquilidade; gatos, necessidade de independência e solidão; cavalo indica uma criança ambiciosa que pensa no futuro; pássaro denota curiosidade e o desejo de fazer múltiplas coisas; peixes estão ligados à tranquilidade e indicam que a criança fica bem tanto só como em grupo; ao desenhar monstros, demonstra ser influenciável e impressionável, buscando poder.

Tabela 6: *Itens adicionais*

TIPO	O QUE SUGERE
<b>Casa</b>	Representa suas emoções a partir do ponto

<p><b>Porta</b></p> <p><b>Maçaneta</b></p> <p><b>Chaminé acesa</b></p> <p><b>Janela</b></p>	<p>de vista social. Casa grande sugere a vivência de uma fase emotiva e, se for pequena, que está num estado anímico mais introspectivo.</p> <p>Porta pequena é sinônimo de ser seletiva com amigos e parentes – não permite a entrada de qualquer um. Porta grande é sinal de boas-vindas para todos que se aproximam.</p> <p>Se desenhada no centro, manifesta a procura de independência e autonomia; à esquerda, revela o desejo de ser sempre criança, tentando se manter no passado; à direita, revela a vontade de querer mudar, necessidade de ser estimulada e motiva porque atem-se no presente.</p> <p>A presença de fumaça revela o grau de emoção que prevalece no lar da criança. Se o traço for simples, é sinal de reação favorável, se formar uma nuvem densa e escura, é sinal de reação desfavorável. Fumaça ligeira numa casa alegre indica acontecimento novo, mas se for numa casa de cor apagada, indica que a situação familiar não vai bem. Fumaça intermitente significa que algo está deixando a criança triste. Fumaça intensa sugere agressividade no ambiente. Acompanhada de uma nuvem negra, anuncia tormento na família.</p> <p>Quanto mais janelas, mais curiosa a criança é para saber o que acontece ao seu redor. Quando pequena, sugere que sejamos discretos com a criança, é como dizer “me deixe em paz”. Se for grande, indica que quer olhar por novos horizontes.</p>
<p><b>Figuras humanas</b></p>	<p>Quando desenha “homens palito”, indica</p>

	<p>que que devemos atentar o olhar para outros elementos de seu desenho que são mais importantes. Olhos grandes podem ser medo ou curiosidade. Olhos pequenos, que não quer enxergar o que ocorre a sua volta. Ausência de boca, que não quer falar ou que “não tem voz”. Boca destacada, que não precisa esconder o quer falar. Orelhas aparentes, que a criança tem bons ouvidos para ouvir. Braços levantados para cima, que quer ser ouvida; na horizontal, necessidade de interagir com os demais; caídos, que não quer contato social. Ausência de mãos revela incapacidade de dominar sua situação atual. Ausência de pés indica a busca de estabilidade ou a incapacidade de se mover, sendo muito dependente.</p>
<b>Veículos</b>	<p>O desenho de carros indica o hábito de se acomodar às normas estabelecidas. O ônibus, que funciona melhor em grupo. O avião manifesta um poder de liderança e convive melhor com crianças maiores. A bicicleta, que prefere seguir por seus próprios passos, em seu ritmo.</p>
<b>Transparência</b>	<p>Pode indicar uma criança inteligente e intuitiva que é capaz de perceber o pensamento dos outros e a evolução de uma situação; ou uma criança inclinada às mentiras e acostumada a camuflar seus pensamentos, sendo consciente de seu comportamento; ou ainda que gostaria de ser revelada, como um pedido de ajuda para manifestar verbalmente o que esconde.</p>
<b>Repetição de um mesmo tema</b>	<p>Pode aparecer por ter sido super valorizado por alguém que a criança tenha grande</p>

	admiração, ou que tenha tido uma experiência muito feliz e gosta de representá-la – se ocorreu o contrário, quer expor o que a incomoda.
--	--

Todos estes indicativos que nos sugerem determinados aspectos do desenho infantil, permitem-nos interpretar com mais eficácia e precisão a arte realizada pelo paciente, porém, não se deve perder de vista que é imprescindível levar em conta o estado físico e emocional do paciente em cada consulta para que não se faça um diagnóstico precipitado, além de sugerir desenhos livres e analisar uma sequência de obras a fim de verificar se tais aspectos se mantêm na sequência para que possam ser levados em conta ou não e, principalmente, que não se deve ter como finalidade "encontrar um problema a qualquer custo", mas sim compreender e identificar com maior precisão as mensagens inconscientes que a criança nos transmite.

### **CAPÍTULO 3 – O DESENHO NUMA PERSPECTIVA DE ARTETERAPIA**

Neste capítulo teremos uma visão de como o desenho pode ser utilizado para auxiliar o paciente na melhora de sua queixa, como terapia, dentro do consultório psicopedagógico. A arte, no geral, tem grande poder de autoajuda, pois através dela, seja por meio da música, da dança, do teatro ou das artes plásticas, o indivíduo é capaz de libertar suas emoções e afagos ficando livre de seus fantasmas e tendo uma melhor qualidade de vida.

Muitos psicoterapeutas afirmam os benefícios da arte para contribuir na melhora de seus pacientes, por este seu poder de libertar a subjetividade do sujeito, sendo possível utilizá-la para a resolução de conflitos, problemas de comunicação e expressão, dentre outros aspectos psicológicos.

O desenho está diretamente ligado à pintura, pois quase sempre quando uma criança realiza um desenho acaba por pintá-lo. Sendo essa uma afirmativa relevante, podemos discutir então os benefícios da pintura atrelada ao desenho na terapia. Estudos apontam que o ato de pintar/desenhar melhora a comunicação – geralmente, as crianças que preferem se comunicar através do desenho, com o passar do tempo durante as sessões, acaba por superar essa dificuldade, se for dada a devida atenção às suas manifestações artísticas, é claro –, aumenta a autoestima – quando a proposta é feita num ambiente agradável e de relação de afeto entre terapeuta e paciente, onde o terapeuta tem o papel de estimulá-lo e fortalecer sua autoestima –, melhora a motricidade – pois, com o controle do movimento das mãos no ato de desenhar, desenvolvemos conexões cerebrais relacionadas a motricidade –, ativa o cérebro em movimento – os dois hemisférios do cérebro são estimulados durante um desenho: o esquerdo se refere ao lado lógico e racional, e o direito à criatividade e emoções –, reforça a concentração – o tempo dedicado à prática do desenho requer concentração, pois é o momento de transferir para o papel o que está passando na mente, trata-se de um trabalho minucioso – e favorece a inteligência emocional – as emoções fazem parte da criatividade, e quando criamos estamos reproduzindo nossas emoções e sentimentos.

Segundo artigo publicado por Acedo (2012), ela nos remete a uma definição perfeita do trabalho com desenho na arteterapia:

Desde as primeiras manifestações da vida humana, utilizamos desenhos para representar nossas intenções e emoções. A arte está presente, também, em todo processo educativo. Através da arteterapia, este trabalho ganha sentido, preservando a liberdade do aluno, dando oportunidade para que ele possa se expressar. Assim, podemos verificar a importância de se trabalhar a imagem na arteterapia com crianças e adolescentes, pois uma imagem traz consigo um rico mundo de significações, que muitas vezes não conseguem expressar pela fala. Durante um trabalho com arteterapia, as imagens (inconscientes) podem ser um instrumento eficaz para orientar todo o indivíduo, elas ocupam um lugar muito importante. Ao propor um trabalho arteterapêutico com alunos, é necessário buscar o auxílio com amparos técnicos, para liberar suas angustias que se manifestam a partir de seus comportamentos e atitudes. Temos como objetivos principais na aplicação da arteterapia com crianças, resgatar o potencial criativo e imaginativo da criança, aumentando sua integração e socialização através da arte e do lúdico.

E, em tratando-se de consciente / inconsciente, Furth (2004, p. 48) afirma-nos que:

Para conhecermos a nós mesmos, precisamos trazer para a consciência o que está submerso em nosso inconsciente. Nossos pensamentos inconscientes chegam até nós por meio da linguagem inconsciente dos sonhos, da pintura e dos desenhos. (...)  
Três premissas devem ser aceitas para compreendermos a linguagem dos desenhos. A primeira é a de que existe um inconsciente e que os desenhos originam-se no mesmo lugar em que se originam os sonhos. (...)

Este fato de “trazer para a consciência o que está submerso em nosso inconsciente” ao qual se refere, é uma alusão à concepção de Carl Jung, que retrata o consciente e o inconsciente como um iceberg, onde a ponta do iceberg que é vista acima da superfície da água é o nosso consciente, quanto que o que está abaixo da superfície, é o inconsciente – muito maior e mais perigoso do que a “ponta”, o consciente – e faz comparação do desenho ao sonho porque quando sonhamos também trazemos à tona o que está imerso no nosso inconsciente.

A respeito do item da criatividade, como um dos benefícios propiciados pela arte, no seu formato terapêutico, Sousa (2003) defende e explora o termo da criatividade pela arte em sua obra *“Educação pela arte e artes na educação”*, primeiramente, fazendo uma diferenciação entre criação e criatividade:

- Criação – refere-se a algo novo, exclusivo, inédito por ação deliberada e consciente de um ser.
- Criatividade – é uma capacidade, uma aptidão, porém inútil se não conduzido à criação. “Não basta ter talento criador, é necessário aplicá-lo na acção criadora” (Sousa, 2003, p. 188)

Após feita a distinção dos termos e tratando agora da criatividade, Sousa (2003) também expõe em sua teoria que o pensamento criativo possui etapas de desenvolvimento até que atinja seu produto final, que, segundo Wallas (1926) são quatro as etapas:

1. Preparação: é uma fase de aprendizagem, captação de informações e esforço intelectual movido pela vontade para identificar o problema;
2. Incubação: onde ocorre o amadurecimento das informação obtidas armazenadas no inconsciente, que vão se desenvolvendo e organizando até chegar no nível consciente;
3. Iluminação: momento em que se ascende a luz para a resolução da questão em aberto. Acontece repentina e inesperadamente;
4. Verificação: atividade intelectual consciente e convergente que procura colocar à prova a hipótese descoberta e experimentá-la.

Já Harris (1960), ainda segundo Sousa, ampliou estas quatro etapas que sugeriu Wallas para seis:

1. Reconhecimento do problema;
2. Recolha de informação;
3. Atividade mental tratando esta informação;
4. Imaginação de soluções;
5. Verificação;
6. Colocação em prática.

Além das etapas de desenvolvimento, nos aponta ainda que a criatividade foi classificada em tipos por C. W. Taylor em 1995, e que sua classificação tem tido aprovação geral dos autores que tratam do tema. Seriam elas criatividade expressiva, produtiva, inventiva, inovadora e emergente.

O estímulo da criatividade nas crianças é também uma maneira de se demonstrar a confiança nelas, auxiliando-a ao descobrimento de que a criação é mais importante do que a simples reprodução, e isso contribui para o estreitamento de afeto com o terapeuta e eleva sua autoestima, já surtindo o efeito terapêutico da arte.

Outro benefício da arteterapia que nos auxilia muito no consultório é o da expressão, uma vez que queremos saber do paciente o que está contribuindo para sua não-aprendizagem e, em muitos casos, a expressão de seus sentimentos pode ser caracterizada através dos desenhos, porém, devemos ter consciência de que:

Uma expressão não é efectuada para ser publica, para comunicar algo a alguém e muito menos para contemplação, como se de um espetáculo se tratasse. É algo muito íntimo e pessoal. (...) Na expressão pela pintura, por exemplo, poderemos constatar o grande interesse que a criança pequena sente pela sua obra, enquanto a realiza (...). (Sousa, 2003, p. 184)

Interligada ao conceito da expressão, verificamos a emoção – “estado temporário marcado por fortes modificações fisiológicas” (Sousa, 2003, p. 180) –, que pode ser expressa de variadas formas, inclusive através do desenho. Damasio (2000) considera três tipos de emoção:

1. Emoções primárias ou universais: alegria, tristeza, medo, cólera, surpresa e aversão;
2. Emoções secundárias ou sociais: paixão, ciúme, vergonha, culpa, orgulho;
3. Emoções de fundo: prazer (bem-estar), dor (desprazer, mal-estar), calma, tensão.

As emoções não expressas, escondidas, acumulam uma sobrecarga de tensão que é prejudicial para o equilíbrio da personalidade e as atividades que mais facilitam a exposição das emoções são as artísticas (música, teatro, dança, desenho e pintura). Quando o paciente expõe suas emoções através do desenho, automaticamente está se libertando de seus incômodos e, com o olhar atento do psicopedagogo que o auxilia, pode trabalhar suas emoções de forma lúdica e terapêutica a fim de reconhecê-las e melhorá-las. Sousa (2003, p. 186) nos revela ainda que:

Sendo a expressão a exteriorização pessoal da vida interior, essa vida é necessariamente diferente em todas as pessoas indiferentemente de sua idade, variando, pois, a expressão de pessoa



para pessoa, não sendo possível enquadrá-la em quaisquer padrões etários.

No trabalho com desenhos no âmbito terapêutico, fica sempre a dúvida “desenho livre ou desenho dirigido?”, e Fasulo (2010) apresenta-nos a distinção conceitual de ambos:

Desenho livre: no desenho livre, ao contrário do desenho de cópia, a pessoa está colocando sua atenção não na realidade externa e sim, na sua realidade interna; é um trabalho livre, que vai surgir a partir da emoção, do que lhe vier a mente. A pessoa acessa a sua realidade interna, o seu inconsciente, algo que está pronto para emergir naquele exato momento e com seu processo de vida.

Desenho dirigido: são os desenhos onde se propõe um tema. No caso de arte terapia, o arte terapeuta direciona com um objetivo específico (ou seja, ligado a alguma situação específica por que passa aquela pessoa). Será um tema que mobilize emoções que possam estar bloqueadas e que precisam vir à tona para serem integradas a consciência. Não se utiliza aqui a interpretação dos desenhos. A pessoa é estimulada a falar sobre o seu desenho. Cria-se um diálogo entre a pessoa e o seu desenho. (...)

Ou seja, ambas as propostas são necessárias na terapia, sendo interessante, porém, que primeiro se proponha um desenho livre para que a criança possa revelar sua realidade interior e, posteriormente, a partir do que ela indicar, propor-lhe um desenho dirigido, temático, com o objetivo de se mobilizar as emoções do paciente, podendo ser sugerido como tema o desenho de si próprio (autorretrato), de uma música, de um sonho, de um poema, etc. É interessante analisar aqui uma sequência de desenhos com temas diversos para verificar quais aspectos subjetivos estão contidos permanentemente nas obras e se eles vão desaparecendo com o passar das sessões ou não (se for negativos, é de interesse que desapareçam).

Além da proposta de se trabalhar individualmente, há também a sugestão de se praticar a terapia em grupo – isso estimula a criatividade e possibilita que os pacientes troquem experiências entre si, superem dificuldades e encontrem apoio. Para que o trabalho seja concretizado com êxito, Hartley e Hartley (1959), propõem, segundo Sousa (2003, p. 222), que isto depende de alguns fatores: da motivação social, resultantes de suas experiências e aprendizagens com o meio; da comunicação, que permite o conhecimento mútuo entre os membros do grupo; da aceitação, que implica em aceitar e tolerar o outro como ele é; dos objetivos comuns;

da criação de papéis, onde, com o passar do tempo, cada um terá seu papel específico de acordo com suas habilidades (líder, escrevente, pesquisador, desenhista, etc.) – este, porém, aqui não nos cabe aplicar –; das normas do grupo, que caracterizam a dinâmica e facilitam o trabalho desenvolvido; do desenvolvimento da autoimagem, à medida em que o grupo vai se solidificando, desenvolve sua autoimagem grupal que inclui primordialmente características positivas; e da atmosfera grupal, que representa o grau de bem-estar entre os membros do grupo.

A criação em grupo, com crianças, não é apenas a adição da criatividade particular de cada uma, mas uma ação conjunta de esforço e reflexão comum, de pesquisa e de produção. Dentro do grupo sugere-se, discute-se, levantam-se hipóteses, eliminam-se propostas, aceitam-se e associam-se entre si várias ideias, até se achar a solução de aceitação comum, que é em seguida experimentada na prática. (Sousa, 2003, p. 226)

Sousa define ainda que, no trabalho com crianças de 7-8 anos, sempre deverá haver uma fase de trabalho em grupo para motivar a expressão.

Conclui-se então que, seja por meio de sessões individuais ou grupais, a expressão através da arte possibilita ao paciente que traga à tona seu inconsciente, expondo e explorando suas emoções e sentimentos, cabendo assim ao psicopedagogo estimulá-lo e libertá-lo, recuperando nele o desejo e vontade de aprender, que é nosso objetivo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na busca constante por instrumentos que possam nos auxiliar quanto psicopedagogos dentro do consultório, considero que os conceitos e teorias aqui referidas são de grande valia para embasar o trabalho psicopedagógico e ampliar o repertório de ferramentas.

Com o enfoque no atendimento infantil, as interpretações de diversos aspectos dos desenhos podem nos traduzir o que o paciente está sentindo ou por qual situação está passando que esteja bloqueando seu aprendizado, ou ainda nos revelar que não há nada que o incomode e que talvez devamos nos debruçar por outros caminhos para entender sua não-aprendizagem.

O desenho como terapia, numa perspectiva arteterapêutica, nos faz compreender que esta ferramenta pode ser utilizada para além do diagnóstico e favorecer a “cura” da queixa do paciente no consultório, seja em atendimentos individuais ou em grupo.

A oportunidade de buscar maiores informações a respeito do tema proposto contribuiu grandemente para minha formação quanto psicopedagoga e quanto pessoa, possibilitou-me ampliar o olhar para as necessidades das crianças.

Espero que essa busca constante não se interrompa aqui, pois há um leque de instrumentos para basear nossa profissão e a formação contínua deve permanecer a fim de que possamos contribuir na melhoria de qualidade de vida de crianças e jovens com os quais iremos nos deparar.

## REFERÊNCIAS

### LIVROS

BÉDARD, Nicole. **Como interpretar os desenhos das crianças**. São Paulo: Isis, 2013.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **O teste do desenho como instrumento de diagnóstico da personalidade**. Petrópolis: Vozes, 2014 – 47ª edição.

COGNET, Georges. **Compreender e interpretar os desenhos infantis**. Petrópolis: Vozes, 2014 – 2ª edição.

FURTH, Gregg M. **O mundo secreto dos desenhos – uma abordagem junguiana da cura pela arte**. São Paulo: Paulus, 2004.

SOUSA, Alberto B. **Educação pela arte e artes pela educação – bases psicopedagógicas**. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

### SITES

- A mente é maravilhosa. Disponível em: <https://amenteemaravilhosa.com.br/pintura-como-terapia/>. Acesso em dezembro de 2016.

- Fazendo Arte Terapia. Disponível em: <http://arteinfantil-elartes.blogspot.com.br/2011/03/arteterapia-com-criancas.html> e em: <http://arteinfantil-elartes.blogspot.com.br/2010/05/o-desenho-livre-e-o-desenho-dirigido.html>. Acesso em dezembro 2016.